

## EVOLUÇÃO RECENTE DA FECUNDIDADE EM MINAS GERAIS

*Cláudia Júlia Guimarães Horta*<sup>\*</sup>  
*Maria do Carmo Fonseca*<sup>\*\*</sup>

### RESUMO

O estudo tem como objetivo apresentar estimativas recentes do nível de fecundidade para Minas Gerais e analisar o comportamento da sua estrutura segundo idades das mulheres, além de mensurar os diferenciais, que porventura existem, no que diz respeito a características como situação do domicílio, raça, escolaridade e renda. Utiliza como fontes básicas de informações os Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991, e as PNAD's 92, 93, 95, 96, 97 e 98.

Através do estudo foi possível observar que a acentuada queda nos níveis de fecundidade ocorreu em todas as regiões do estado, entre as décadas de setenta e oitenta, sendo mais significativa naquelas onde os níveis eram mais elevados. Dados mais recentes mostram também a continuidade da queda dos níveis de fecundidade e o “rejuvenecimento” do seu padrão para o estado como um todo. Quanto aos diferenciais é possível dizer que o contraste rural/urbano tende a ficar cada vez mais tênue; que as mulheres brancas apresentam nível e estrutura inferiores às mulheres pretas e pardas; que existe uma relação inversa entre nível educacional e nível de fecundidade e que à medida que o rendimento familiar aumenta o nível de fecundidade declina.

### 1 INTRODUÇÃO

O estudo da evolução da fecundidade e do comportamento reprodutivo das mulheres é extremamente relevante, uma vez que se trata de fenômeno demográfico fundamental na composição e evolução da população.

As transformações sociais, econômicas, culturais e políticas foram determinantes nas mudanças observadas nos padrões reprodutivos das mulhe-

---

\* Doutoranda de Demografia do CEDEPLAR/FACE/UFMG.

\*\* Professora do Departamento de Demografia do CEDEPLAR/FACE/UFMG.

res nas últimas décadas. O desenvolvimento socioeconômico e industrial e o processo de urbanização, aliados aos novos ideais e novos padrões de comportamento, foram acompanhados diretamente pela queda nos níveis de fecundidade. Estudos apontam que essa redução se deu basicamente pelo uso crescente e maciço dos métodos anticoncepcionais, predominantemente da esterilização e da pílula, dentre outros.

Segundo levantamento realizado pela Pesquisa Nacional Sobre Demografia e Saúde (BEMFAM-DHS, 1996), a prevalência no uso da anticoncepção entre as mulheres da Região Centro-Oeste, na qual Minas Gerais<sup>1</sup> está incluída, era de 77,8% em 1996, sendo que 70,8% utilizavam algum método moderno, 6,6% algum método tradicional e os demais, 0,4%, outro método. Dentre aquelas que utilizam algum método moderno é significativo o percentual que opta por esterilização feminina e pílula. De cada 10 mulheres nessa situação 5 estão esterilizadas e 3 fazem uso de pílula. Para a Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), que representa parcela populacional significativa do estado (22,9%, em 1996), Fonseca, Perpetuo (1995) verificaram que a prevalência anticoncepcional atinge 71,9% das mulheres de 15 a 49 anos, apresentando relação direta com idade da mulher, ou seja, quanto mais próxima do final do período reprodutivo, maior a prevalência de métodos, com pequeno decréscimo entre as idades de 45 e 49 anos. Também no caso da RMBH, constatou-se a maior incidência de esterilização e uso de pílula, responsáveis por 40,0% e 39,5% respectivamente.

Entretanto como o processo de desenvolvimento atinge de forma diferenciada as diversas classes sociais sabe-se que seu reflexo sobre o *timing* e intensidade das modificações se deram também distintamente. As mudanças no padrão reprodutivo inicia-se nos segmentos em melhores condições socioeconômicas e difunde-se, em seguida, para as demais classes. Desta forma presencia-se novos padrões para toda a sociedade vislumbrando-se a diminuição dos diferenciais existente, no que se refere aos níveis de fecundidade.

A queda acentuada dos níveis de fecundidade é um fenômeno observado no país como um todo a partir da década de sessenta, quando se deu a ruptura do comportamento reprodutivo da população. A queda nos níveis de fecundidade das mulheres brasileiras trouxe consigo profundas transformações no ritmo de crescimento da população e na sua distribuição por idade. No Estado de Minas Gerais observa-se, também nesse período, e principalmente na

---

1 Inclui o Estado do Espírito Santo. Uma vez que Minas Gerais apresenta população bem superior que o Espírito Santo, acredita-se que as estimativas resultantes da DHS 1996 possam estar refletindo com mais intensidade o comportamento observado em Minas Gerais.

década seguinte, reduções significativas e contínuas nos níveis de fecundidade. Entre as décadas de sessenta e setenta a taxa de fecundidade total das mulheres que residiam em Minas Gerais cai de 6,31 filhos por mulher para 4,30, o que representou uma queda de 32,0% no período. Na década seguinte a queda é ainda maior, 37,5%, determinando uma TFT de 2,70 filhos por mulher.

Resumidamente os principais fatores que determinaram tal ruptura foram a inserção das mulheres no mercado de trabalho, culminando na mudança do seu *status* social, o aumento do seu nível de escolaridade, a maior divulgação e acesso aos métodos anticoncepcionais e o fenômeno da difusão dos novos conceitos de tamanho de família, através da expansão dos meios de comunicação de massa.

A limitada bibliografia referente a evolução dos níveis e padrões de fecundidade para Minas Gerais, principalmente para períodos mais recentes, suscitou a construção de estimativas para a década de noventa. Entretanto, importantes estudos tem apontado, para diferentes níveis de agregação, a generalizada e continuada queda dos níveis de fecundidade e alteração na estrutura por idade. Oliveira, Wong (1998), apresentando estimativas para os anos de 1970, 1980, 1991 e 1995, para Minas Gerais como um todo, e níveis e tendências para as microrregiões, para os anos de 1980 e 1991, concluem que o declínio da fecundidade em Minas Gerais aconteceu a um ritmo muito acentuado e com importantes diferenciais de níveis entre as diversas microrregiões. Em trabalho divulgado em 1998, a Fundação João Pinheiro, em parceria com o UNICEF, estabelece a evolução da Taxa de Fecundidade Total, entre os anos de 1980 e 1991, para o estado como um todo e suas dez Regiões de Planejamento, contrastando esse indicador segundo as condições econômicas da população residente, sintetizada na renda familiar per capita. Em estudo mais específico, Goza, Marteleto (1996), analisam as mudanças no *status* da mulher, em termos dos níveis educacionais e do processo de tomada de decisão no domicílio, seu comportamento reprodutivo e fecundidade, no Vale do Jequitinhonha, para os anos de 1960, 1970 e 1980, contrapõem o tamanho desejado versus o número de filhos nascidos vivos.

Desta forma, o objetivo deste estudo é apresentar estimativas recentes do nível de fecundidade para Minas Gerais e analisar o comportamento da sua estrutura segundo idade das mulheres, decorrentes do fenômeno de queda desse nível, além de mensurar os diferenciais, que por ventura existam, no que diz respeito às características como situação do domicílio, raça, escolaridade e renda.

## **2 METODOLOGIA**

As estimativas das Taxas Específicas de Fecundidade (TEF) e Taxas de Fecundidade Total (TFT) foram realizadas utilizando-se a metodologia desenvolvida por Brass (1968), denominada também de método da Razão P/F. Este método combina dois tipos de dados, os quais são classificados pela idade das mulheres. São eles: o número de filhos nascidos vivos durante os doze meses anteriores a data da pesquisa – denominada de fecundidade corrente –, e o número total de nascidos vivos – fecundidade retrospectiva ou parturição. O método toma como verdadeira a estrutura das taxas específicas de fecundidade dada pela informação de fecundidade corrente e corrige o nível através do comportamento retrospectivo, normalmente baseados nos grupos de mulheres mais jovens.

As fontes de dados utilizados foram os Censos Demográficos de Minas Gerais 1970, 1980 e 1991 e as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (PNAD) para Minas Gerais para os anos de 1992, 1993, 1995, 1996, 1997 e 1998. A utilização das duas fontes de dados têm como objetivo possibilitar a análise evolutiva da componente fecundidade desde os anos setenta até período mais recente, uma vez que, ambas trazem os quesitos necessários a construção das estimativas aqui apresentadas. É importante observar também, que a utilização da PNAD como fonte de informações poderá causar variações nas estimativas em função de ser uma pesquisa amostral, onde sua expansão é feita utilizando-se projeções populacionais realizadas pelo IBGE e também em função do tamanho da amostra, que em situações onde essa é pequena pode levar a grandes flutuações, e portanto, resultar em estimativas pouco confiáveis.

## **3 EVOLUÇÃO DOS NÍVEIS E PADRÕES DE FECUNDIDADE EM MINAS GERAIS**

A análise agregada de informações para um estado com as dimensões geográficas de Minas Gerais podem trazer generalizações inadequadas, principalmente quando se conhecem as grandes desigualdades regionais do estado, que sabidamente, apresenta sensíveis disparidades socioeconômicas intra e inter-regionais, que tem reflexo direto nas condições de vida da população. Desta forma, buscar-se-á traçar um perfil evolutivo dos níveis de fecundi-

dade apresentando estimativas desagregadas pelas dez Regiões de Planejamento<sup>2</sup>.

### 3.1 Diferenciais segundo Regiões de Planejamento

Entre as décadas de setenta e oitenta observou-se também queda acentuada em todas as Regiões de Planejamento de Minas Gerais, no que se refere às TFT. Entretanto essa queda foi mais significativa naquelas regiões que possuíam níveis de fecundidade mais elevados na década de setenta, quais sejam, Jequitinhonha/Mucuri, Norte de Minas, Noroeste de Minas e Rio Doce, a despeito de continuarem com os níveis mais altos do Estado. A Região Noroeste de Minas, por exemplo, passou de 6,16 filhos por mulher em 1980, para 3,24 em 1991, representando uma queda de 2,92 filhos por mulher em apenas uma década. Essas regiões destacam-se no estado como detentoras dos mais baixos níveis de renda e de condições de vida.

O fato das demais regiões já terem atingido níveis mais reduzidos faz com que a queda observada assumia valores menos significativos, o que poderia vir a sustentar a idéia de convergência futura das taxas de fecundidade (Tabela 1).

**Tabela 1**

TAXA DE FECUNDIDADE TOTAL SEGUNDO REGIÕES DE PLANEJAMENTO DE MINAS GERAIS – 1980 A 1996

Região de Planejamento	TFT	
	1980	1991
Minas Gerais	4,30	2,70
Alto Paranaíba	3,71	2,34
Central	3,79	2,32
Centro-Oeste de Minas	3,77	2,36
Rio Doce	5,12	2,99
Jequitinhonha/Mucuri	6,51	4,12
Mata	3,96	2,67
Noroeste de Minas	6,16	3,24
Norte de Minas	6,21	4,18
Sul de Minas	3,80	2,64
Triângulo	3,24	2,21

Fonte: Dados básicos: IBGE, Censo Demográfico de Minas Gerais, 1980 e 1991.

Elaboração: Fundação João Pinheiro (FJP).

<sup>2</sup> As dez Regiões de Planejamento foram concebidas por iniciativa do Governo Estadual em cumprimento às necessidades do planejamento.

As Regiões Norte de Minas e Jequitinhonha/Mucuri destacam-se também, na década de oitenta, pelas mais elevadas TFT, respectivamente 4,18 e 4,12 filhos por mulher, enquanto que a Região Triângulo permaneceu com a menor TFT do estado, 2,21 filhos por mulher, valor que se aproxima muito da taxa de reposição, definida em 2,1 filhos por mulher, que representa o estágio onde o casal repõe apenas a ele mesmo, e que pode significar, no futuro, mantida a mesma tendência, a possibilidade de decréscimo populacional.

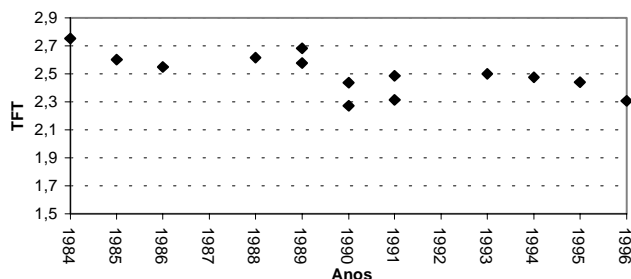
### 3.2 Evolução: década de noventa

De forma a preencher a lacuna existente de estudos empíricos e analíticos da fecundidade das mulheres mineiras, entendido como nível e padrão por idade, apresenta-se a seguir uma análise evolutiva recente da fecundidade, com o objetivo de traçar o comportamento reprodutivo recente, possibilitando, inclusive, o acompanhamento futuro das tendências de crescimento da população.

Foram elaboradas estimativas de fecundidade utilizando-se o método de Brass enunciado anteriormente. Através dele é possível estimar um conjunto de taxas específicas de fecundidade por idades, para cada um dos levantamentos relacionados. Entretanto as estimativas derivadas, em função dos pressupostos e correções necessárias, não equivalem exatamente ao ano do levantamento utilizado. Na verdade deverão, em termos de referência temporal, ser alocadas nos 1º e 2º quinquênios da década anterior a data do levantamento da pesquisa. Desta forma a alocação temporal das estimativas calculadas no presente estudo para as informações disponíveis nas PNADs, possibilitou a construção da série de Taxa de Fecundidade Total para Minas Gerais, no período de 1984 a 1996, apresentada pelo Gráfico 1.

#### Gráfico 1

TAXAS DE FECUNDIDADE TOTAL  
MINAS GERAIS – 1984 A 1996



Observa-se claramente a tendência constante e continuada de redução dos níveis de fecundidade para Minas Gerais. Em 1984 a TFT era de 2,75 filhos por mulher passando para cerca de 2,31, em 1996, o que representa uma queda de 16% no período.

### **3.3 Taxas específicas de fecundidade segundo grupos de idade**

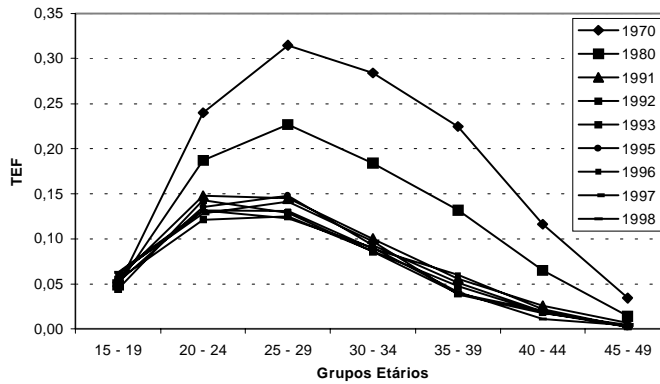
Por definição a Taxa de Fecundidade Total é uma medida síntese, que corresponde ao número médio de filhos que uma mulher teria ao terminar o seu período reprodutivo. A análise do conjunto de taxas específicas por grupos de idade mostram considerações mais detalhadas do comportamento reprodutivo das mulheres. Através da representação gráfica fica evidente o fenômeno de queda nos níveis de fecundidade das mulheres em Minas Gerais. A curva para os anos sessenta, indiscutivelmente, supera os níveis observados em setenta, que por sua vez, apresenta nível superior sobre os anos oitenta e noventa. Essas últimas apresentam estrutura bem semelhante, na qual estaria representada a verdadeira distribuição de fecundidade das mulheres em Minas Gerais para os anos mais recentes (Gráfico 2).

Tomando-se os grupos etários vê-se que a queda da fecundidade específica se deu mais intensamente nos grupos de mulheres mais velhas (de 35 a 49 anos). Entre 1970 as TEF das mulheres de 35 a 39 anos era seis vezes maior que a observada em 1998, enquanto que para os grupos de mulheres de 40 a 44 e de 45 a 49 anos essas diferenças eram bem maiores – em média, de nove vezes. Deixam de ter mais filhos – de maior ordem, que seriam nessas idades (Gráfico 3).

Como resposta ao processo de redução da fecundidade assiste-se ao rebaixamento do nível da curva e ao rejuvenecimento de sua estrutura. A tendência observada em estudos para São Paulo realizados por Godinho, Yazaki (1992) e Campanário, Godinho (1996), é de que a cúspide da curva se deslocou para a esquerda, passando a caracterizar-se de precoce, ou seja, concentrada no grupo de 20 a 24 anos. Esse deslocamento é observado para a curva de 1991, onde a concentração de nascimentos por mulher se dá entre aquelas com idade entre 20 e 24 anos. O mesmo padrão pode ser observado para a curva de 1998, onde observa-se ainda o processo de queda dos níveis de fecundidade.

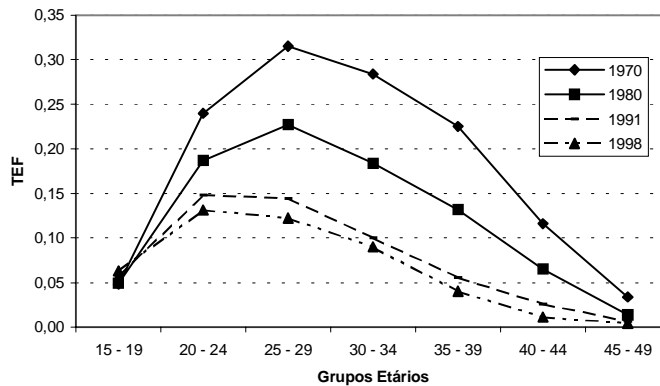
## Gráfico 2

TAXAS DE FECUNDIDADE TOTAL  
MINAS GERAIS – 1970 A 1998



## Gráfico 3

TAXAS DE FECUNDIDADE TOTAL  
MINAS GERAIS – 1970, 1980, 1991 E 1998



Diferentemente dos demais grupos etários que apresentaram quedas nas TEF, as mulheres de 15 a 19 anos mostram elevação na fecundidade, o que contribui para o rejuvenescimento da estrutura de fecundidade em Minas Gerais. Tal inversão é resultado de transformações socioeconômicas-culturais, onde a iniciação sexual se dá cada vez mais cedo. Em decorrência da queda nos demais grupos etários nota-se também a crescente contribuição das mulheres de 15 a 19 anos no cômputo do total de filhos por mulher. Em 1970 a contribuição era de apenas 3,8%, passando em 1998, para 13,6%.



A diminuição do nível de fecundidade, como já é conhecido, vêm sempre acompanhada de mudança de sua estrutura por idade. As mulheres passam a ter seus filhos numa idade média menor e concentrada em torno desta idade.

Para Minas Gerais, entre 1970 e 1998, houve redução significativa nas idades médias da fecundidade assim como dos desvios-padrões, em sintonia com a queda das taxas de fecundidade. Nesse período, como mostra a Tabela 2, a idade média que as mulheres tem seus filhos passa de 30,49 anos para 26,60, representando uma queda de quase quatro anos.

**Tabela 2**

IDADE MÉDIA DE FECUNDIDADE E DESVIO-PADRÃO  
PARA MINAS GERAIS – 1970, 1980, 1991/93 E 1995/98

Ano	Idade Média	Desvio-Padrão
1970	30,49	7,16
1980	29,41	7,05
1991	27,50	6,91
1992	27,17	6,70
1993	27,02	6,51
1995	27,23	6,51
1996	27,31	6,85
1997	26,91	6,60
1998	26,60	6,56

Fonte: Dados básicos: IBGE, Censo Demográfico 1970, 1980 e 1991.  
IBGE, PNAD 1992/93, 1995, 1996, 1997 e 1998.

Isto reforça a tendência de que a cúspide da curva de fecundidade vêm sistematicamente se tornando mais precoce, uma vez que a idade média de fecundidade vêm diminuindo, concomitantemente há a tendência de concentração da curva entorno desta idade média, como consequência da redução nos valores dos desvios-padrões, ou seja, a estrutura das taxas de fecundidade está se deslocando para a esquerda.

#### **4 FECUNDIDADE EM MINAS GERAIS: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS SELECIONADAS**

O estudo da fecundidade segundo diferentes características da população é altamente relevante, uma vez que aponta possíveis diferenciais existentes, trazendo subsídios para a análise dos fatores que possam estar de-

terminando-os. Historicamente, estudos de fecundidade que buscavam um maior aprofundamento dos determinantes socioeconômicos da transição daquela variável sempre focalizaram as relações entre variáveis tais como educação da mulher e sua participação no mercado de trabalho e o número de filhos. O pressuposto básico sempre foi o de uma relação inversa entre fecundidade e graus de educação da mulher, o mesmo se observando para atividades econômicas “incompatíveis” com a maternidade/maternagem. Esta hipótese de “incompatibilidade” muito explorada, nos estudos microeconômicos de explicação da fecundidade, aliada aos efeitos de educação de postergar a entrada nas uniões e início da reprodução foi sendo ampliada e modificada nas últimas duas décadas. Estudos desenvolvidos sobre a relação *status* da mulher/ fecundidade durante os anos 80 e aqueles que tratam da assimetria nas relações de gênero, na família e na sociedade, tem sugerido outras explicações. Uma delas refere-se a autonomia/independência que a educação e participação em atividades econômicas outorga a mulher aumentando seu poder de decisão em várias dimensões de sua vida, inclusive naquelas relativas ao seu comportamento reprodutivo.

No caso desse estudo, uma vez que se trata de um balanço exploratório inicial dos níveis padrão e diferenciais da fecundidade da mulher mineira, com o objetivo primeiro de cobrir lacuna de informações para o Estado de Minas Gerais, não foram privilegiados os dados desagregados segundo atividades econômicas, uma vez que demandaria, nesse momento, procedimentos computacionais que extrapolariam o tempo disponível. A ausência da variável “participação da mulher” no mercado de trabalho, por sua indiscutível importância, será por certo, tema abordado futuramente.

Nessa sessão buscou-se traçar um perfil dos diferenciais de fecundidade das mulheres em Minas Gerais, no que diz respeito a situação do domicílio, raça, escolaridade – dada pela variável anos de estudo –, e rendimento médio familiar. As estimativas foram construídas utilizando as informações do Censo Demográfico de 1991, que permite tais desagregações, e referem-se, portanto, ao quinquênio 1986-1991.

É importante ressaltar que as estimativas de fecundidade em uma dada característica da população (exceto para raça), ou mesmo intervalo de escolaridade ou renda familiar não devem ser interpretadas como sendo estimativas das mulheres que permaneceram por todo o período reprodutivo com essa característica ou dentro deste intervalo. Deve ficar claro que representa a fecundidade das mulheres que no ano específico (ano do levantamento) se encontravam com essa determinada característica ou em determinado intervalo.

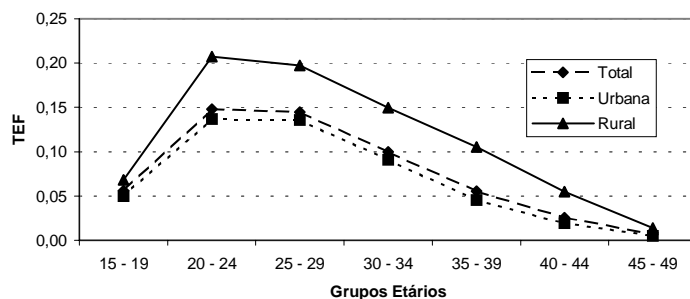
#### 4.1 Situação do domicílio

O fluxo migratório, constante e intenso, de população das áreas rurais para as áreas urbanas, num passado recente, e em menor proporção, a redefinição por parte do IBGE de áreas urbanas, determinou tanto para o Brasil como para Minas Gerais, crescente processo de urbanização. Segundo o Censo Demográfico de 1991 e Contagem de População 1996, o grau de urbanização do País como do estado apresentam valores muito similares – 74,87% e 75,59%, em 1991, e 78,42% e 78,36%, em 1996, respectivamente.

A predominância de população urbana no Estado de Minas Gerais determina a semelhança entre as curvas das TEF para a área urbana e para o total do Estado, tanto na estrutura quanto na proximidade dos níveis. Tal fato se dá claramente para 1991, como pode ser observado pelo Gráfico 4.

#### Gráfico 4

TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE  
SEGUNDO SITUAÇÃO DO DOMICÍLIO – MINAS GERAIS – 1991



As mulheres que vivem nas áreas rurais têm seus filhos em idades mais precoces que aquelas que vivem nas áreas urbanas. A concentração das TEF para as mulheres que vivem na zona urbana se dá igualmente nos grupos de 20 a 24 e 25 a 29 anos, enquanto que, para as que vivem na zona rural, percebe-se uma ligeira predominância do grupo de 20 a 24 anos.

Entretanto, observando a idade que essas mulheres estão tendo seus filhos depara-se com uma inversão de nível. Enquanto que as mulheres no meio rural têm seus filhos mais precocemente que as mulheres no meio urbano, observa-se o oposto em termos de idade média de fecundidade. Em 1991 as mulheres na zona urbana tinham seus filhos em torno dos 27,24 anos enquanto que as mulheres no rural em torno dos 28,49 anos. Isso se deve ao fato de que na zona rural a fecundidade das mulheres acima dos 30 anos apresenta ainda níveis significativos.

Através da representação gráfica torna-se mais clara uma visualização dos diferenciais de nível entre os dois grupos de mulheres. Esses são maiores nas idades de maior fecundidade, enquanto que são bem similares nos dois grupos extremos da curva.

Analisando em termos de taxa de fecundidade total, percebe-se também, diferenciais de nível, uma vez que o indicador sintetiza o comportamento observado para os grupos etários. Entretanto, a Tabela 3, mostra a aproximação das TFT nas áreas urbana e rural. Enquanto que em 1970 as TFT's eram de 5,30 filhos por mulher na área urbana e de 7,65 filhos na área rural – representando um diferencial de 2,35 filhos –, em 1991 são de 2,42 e 3,98 filhos por mulher respectivamente – diferencial de 1,56 filhos. O diferencial rural/urbano tende a ficar mais tênue devido a rápida urbanização e também a difusão de novos padrões que se dá através de maior integração do sistema de comunicação e acesso de métodos anticoncepcionais modernos. Entretanto, tal hipótese tem de ser investigada à luz de dados mais desagregados: municípios rurais, áreas metropolitanas, *etc.*, não sendo objeto desse estudo.

**Tabela 3**

TAXA DE FECUNDIDADE TOTAL  
PARA MINAS GERAIS – 1970, 1980 E 1991

Ano	Taxa de Fecundidade Total		
	Total	Urbana	Rural
1970	6,31	5,30	7,65
1980	4,29	3,72	5,81
1991	2,68	2,42	3,98

Fonte: Anuário Estatístico de Minas Gerais, 1990-1993.

#### 4.2 Raça<sup>3</sup>

Quando se analisa os diferenciais das TFT's segundo raça observa-se que as mulheres brancas têm, em média, nível de fecundidade inferior, em relação às pretas pardas. Em 1991 as mulheres brancas tinham 2,37 filhos por mulher, o que representou uma diferença de 0,71 filhos por mulher comparativamente às mulheres pretas e 0,68 às pardas.

3 As denominações e classificação utilizadas nessa sessão seguem integralmente as determinações estabelecidos pelo IBGE. No Censo Demográfico de 1991, se considera na investigação, as seguintes respostas para o quesito cor ou raça: Branca, Preta, Amarela, Parda (mestiça, cabocla, mameluca, cafuza, *etc.*) e Indígena.

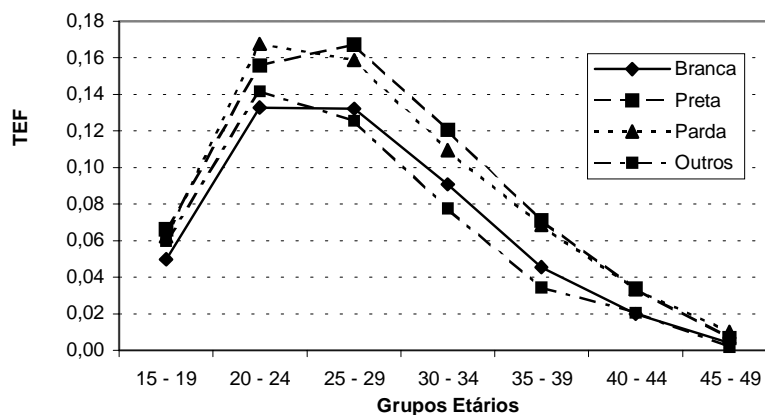
**Tabela 4**ESTIMATIVA DAS TAXAS ESPECÍFICAS E TOTAL DE FECUNDIDADE  
SEGUNDO RAÇA – MINAS GERAIS – 1991

Grupos Etários	Raça			
	Branca	Preta	Parda	Outros
15 – 19	0,0497	0,0663	0,0624	0,0601
20 – 24	0,1328	0,1556	0,1676	0,1418
25 – 29	0,1321	0,1674	0,1586	0,1255
30 – 34	0,0907	0,1206	0,1096	0,0776
35 – 39	0,0455	0,0710	0,0685	0,0345
40 – 44	0,0198	0,0336	0,0334	0,0208
45 – 49	0,0041	0,0070	0,0100	0,0020
TFT	2,3737	3,1075	3,0505	2,3106

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de Minas Gerais, 1991.

Nota: Outros inclui amarela, indígena e sem declaração.

O Gráfico 5 que apresenta o nível de fecundidade segundo os diferentes grupos etários e raça revela que para todas as idades as taxas específicas das mulheres brancas são inferiores as das mulheres pretas e pardas. Nota-se também que o padrão de fecundidade das mulheres brancas entre 20 e 24 anos e 25 e 29 anos é bem similar, enquanto que para as mulheres pardas observa-se uma concentração no grupo de 20 a 24 anos, determinando um padrão de fecundidade precoce, e para as mulheres pretas uma concentração no grupo de 25 a 29 anos – fecundidade tardia.

**Gráfico 5**TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE  
SEGUNDO RAÇA – MINAS GERAIS – 1991

Os diferenciais de fecundidade por raça/etnia merecem análises mais aprofundadas devido as complexidades envolvidas tanto nas fontes de dados quanto nos aspectos de desigualdades econômicas e sociais que permeiam os vários grupos étnicos da nossa sociedade. Assim o diferencial verificado entre os níveis de fecundidade das mulheres mineiras quanto a raça poderia estar associado mais as questões de oportunidades de acesso a níveis mais elevados de educação, posição na ocupação, participação no mercado formal de trabalho e inclusive a obtenção dos meios anticoncepcionais modernos (DIU, pílula, esterilização), que no orçamento das mulheres mais pobres representa um peso maior. Estudo realizado para o Nordeste, por exemplo, relativamente a demanda por esterilização cirúrgica revela que a viabilização desse procedimento para o segmento das mulheres pobres se dá através de relações de clientelismo, principalmente pelos médicos. Segundo os autores os fatores determinantes seriam a alta demanda por contracepção e as restrições na oferta de métodos contraceptivos outros que não a pílula e a laqueadura (Potter, Caetano, 1998).

### 4.3 Escolaridade

Na literatura demográfica a relação existente entre número de filhos que uma mulher tem e o grau de instrução que ela possui é amplamente conhecido. A sua escolaridade determina, indiscutivelmente maior capacidade de obter informações – principalmente no que se refere aos métodos anticoncepcionais, no caso específico do tema aqui abordado –, retardamento do casamento ou união conjugal e maior acesso ao mercado de trabalho. Maior escolaridade tende a modificar valores relativos aos papéis sociais – reprodutivos e produtivos – de gênero apreendidos durante o processo de socialização. Relações mais igualitárias de gênero podem também, afetar indiretamente o tamanho da família.

As estimativas calculadas para as TFT's para Minas Gerais segundo anos de estudo vêm corroborar a relação inversa entre fecundidade e educação. A observação da Tabela 5 aponta para a relação inversa entre fecundidade e nível de escolaridade. Para as mulheres sem instrução e com menos de um ano de estudo calculou-se uma taxa de 5,53 filhos por mulher, enquanto que para aquelas com oito anos ou mais, esta estimativa cai para 1,72, determinando uma diferença de 3,81 filhos por mulher. Esse diferencial não pode ser explicado somente à luz das preferências reprodutivas, visto que estes estão condicionados pela informação/acesso e condição de classe de cada um dos grupos.

**Tabela 5**

ESTIMATIVA DAS TAXAS ESPECÍFICAS E TOTAL DE FECUNDIDADE  
SEGUNDO ANOS DE ESTUDO – MINAS GERAIS – 1991

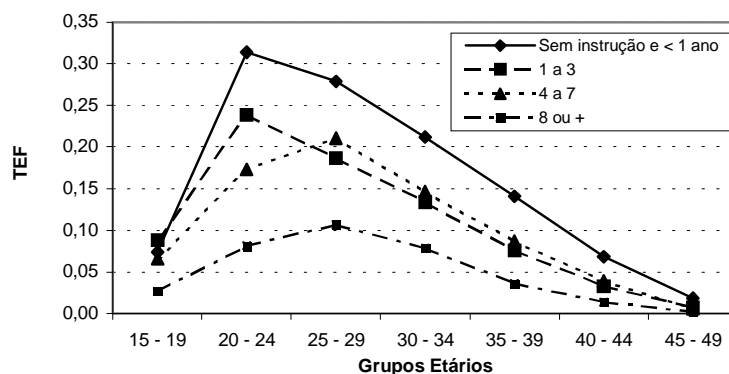
Grupos Etários	Anos de Estudo			
	Sem Instr. e < 1 Ano	1 a 3	4 a 7	8 ou +
15 – 19	0,0741	0,0879	0,0657	0,0265
20 – 24	0,3137	0,2386	0,1733	0,0812
25 – 29	0,2787	0,1869	0,2105	0,1067
30 – 34	0,2117	0,1342	0,1464	0,0788
35 – 39	0,1405	0,0761	0,0865	0,0359
40 – 44	0,0684	0,0329	0,0387	0,0134
45 – 49	0,0182	0,0078	0,0051	0,0020
TFT	5,5260	3,8219	3,6305	1,7221

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de Minas Gerais, 1991.

A observação do Gráfico 6 mostra que a estrutura de fecundidade das mulheres com menor escolaridade, ou seja, os grupos sem instrução e menos de um ano de estudo e com um a três anos de estudo, caracterizam-se como precoce, enquanto que para os demais grupos ela é tardia, em função da concentração em termos de TEF's. Isso demonstra que as mulheres com menor nível de escolaridade se reproduzem mais cedo que as de escolaridade mais alta. Tal fato impõe às primeiras um risco de reprodução maior, uma vez que ficam expostas a um período maior de vida fértil e desta forma sujeitas a uma fecundidade mais elevada.

**Gráfico 6**

TAXAS ESPECÍFICAS SEGUNDO ANOS DE ESTUDO  
MINAS GERAIS – 1991



#### 4.4 Rendimento médio familiar<sup>4</sup>

Como já seria de se esperar, a taxa de fecundidade total guarda estreito relacionamento com o rendimento médio familiar, sendo que a TFT cai à medida que o rendimento aumenta. Para Minas Gerais essa taxa varia de 4,03 a 1,54 filhos, implicando que as mulheres que vivem em famílias mais pobres têm em média 2,49 filhos a mais que as mulheres que vivem em famílias ricas, como mostra a Tabela 6.

**Tabela 6**

ESTIMATIVA DAS TAXAS ESPECÍFICAS E TOTAL DE FECUNDIDADE  
SEGUNDO RENDIMENTO NOMINAL MÉDIO MENSAL FAMILIAR  
MINAS GERAIS – 1991

Grupos Etários	Anos de Estudo						
	Até 1	De 1 a 2	De 2 a 5	De 5 a 10	De 10 a 15	15 e +	Sem Rend.
15 - 19	0,1196	0,0714	0,0325	0,0135	0,0087	0,0072	0,1806
20 - 24	0,2324	0,1975	0,1332	0,0739	0,0532	0,0391	0,1315
25 - 29	0,1864	0,1630	0,1481	0,1197	0,1199	0,1101	0,0891
30 - 34	0,1268	0,1059	0,0998	0,0892	0,1178	0,0946	0,0605
35 - 39	0,0869	0,0711	0,0513	0,0374	0,0472	0,0426	0,0301
40 - 44	0,0405	0,0384	0,0259	0,0165	0,0105	0,0131	0,0110
45 - 49	0,0123	0,0107	0,0050	0,0024	0,0065	0,0011	0,0064
TFT	4,0245	3,2900	2,4785	1,7625	1,8190	1,5394	2,5463

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de Minas Gerais, 1991.

Os diferenciais quanto a estrutura e nível das TEF's podem ser facilmente observadas pela sua representação gráfica. As mulheres que vivem em famílias com renda média de até 1 salário mínimo (SM) e entre 1 e 2 SM's apresentam níveis de fecundidade superior às demais mulheres. Os principais diferenciais quanto ao nível ocorrem principalmente nos três primeiros grupos etários, com destaque para aquelas mulheres entre 20 e 24 anos.

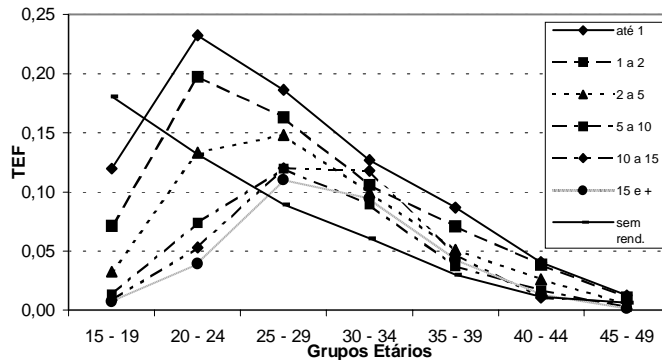
As cúspides das curvas mostram que as mulheres que vivem em famílias mais pobres se reproduzem mais cedo que as de famílias mais ricas. Para os dois primeiros grupos de rendimento a cúspide se dá entre as idades de 20 a 24 anos, caracterizando-as como de fecundidade precoce. Nos demais, com exceção do grupo de mulheres entre 10 e 15 SM's, se dá entre 25 e 29 anos, caracterizando-as como de fecundidade tardia (Gráfico 7).

4 Rendimento Nominal médio mensal familiar: soma dos rendimentos dos componentes das famílias exclusive os pensionistas e os empregados domésticos.



### Gráfico 7

TAXAS ESPECÍFICAS DE FECUNDIDADE  
SEGUNDO RENDIMENTO MÉDIO FAMILIAR  
MINAS GERAIS – 1991



Curiosamente no conjunto de rendimento familiar entre 10 e 15 SM's, as maiores TEF se encontram nos grupos etários de 25 e 29 e 30 a 34 anos, com ligeira predominância para o segundo. As mulheres, nesse caso, estariam se reproduzindo mais tardiamente ainda, devido ao fato de postergar a parturição como estratégia para se avançar profissionalmente e obter maior estabilidade financeira. A parturição tardia já se consolidou como “padrão moderno” de comportamento reprodutivo das mulheres profissionais nos países economicamente avançados do Norte e Europa.

Chama atenção também o diferencial existente quanto a fecundidade das mulheres de 15 a 19 anos. As adolescentes mais pobres apresentam fecundidade 16 vezes maior que as mais ricas. Novamente aqui pode-se pontuar que na verdade seriam essas adolescentes “mais pobres” aquelas que teriam menor acesso a educação e informação, sobretudo no que se refere a métodos modernos de anticoncepção. Além disso, as adolescentes “mais ricas” teriam o aborto como alternativa para interrupção da gravidez, evitando portanto, que se tornem “mães-adolescentes”.

As mulheres que vivem em famílias sem rendimento<sup>5</sup> apresentam comportamento bem diferenciado no que diz respeito à estrutura de fecundi-

5 Foram considerados sem rendimentos não só as pessoas que declararam expressamente esta situação, como também as que, embora sem declaração expressa, responderam as características econômicas de forma a admitir a inexistência de rendimentos.

dade. A maior taxa específica se dá entre os 15 e 19 anos, de forma bastante destacada, pois estabelece, inclusive, valor superior ao observado para as mulheres que vivem em famílias com rendimento médio familiar de até 1 SM. A partir daí, a curva apresenta reduções sucessivas para as TEF's.

## 5 NOTAS CONCLUSIVAS

Resumidamente pode-se dizer que, a acentuada queda nos níveis de fecundidade ocorreu em todas as regiões do estado, entre as décadas de setenta e oitenta, sendo mais significativa naquelas onde os níveis eram mais elevados, sugerindo a idéia de convergência desse indicador. Utilizando os dados mais recentes observou-se, para o estado como um todo, a continuidade da queda nos níveis de fecundidade, ainda que em patamares inferiores, e o “rejuvenescimento” do padrão segundo grupos etários. No estudo da fecundidade segundo diferentes características da população é possível apontar que:

- segundo situação do domicílio, o diferencial rural/urbano tende a ficar cada vez mais tênue;
- as mulheres brancas apresentam nível e estrutura de fecundidade inferiores as mulheres pretas e pardas. Entretanto tais diferenciais não poderiam ser explicados simplesmente pela diferenciação étnica entre as mulheres, mas sim, pelos aspectos de desigualdades econômicas e sociais que permeiam esses grupos;
- as estimativas para Minas Gerais corroboram a afirmativa de relação inversa entre nível educacional e nível de fecundidade;
- à medida que o rendimento aumenta, a TFT das mulheres mineiras se reduz, determinando estreito relacionamento entre elas.

No desenvolvimento desse estudo esbarrou-se na necessidade de maior investigação através de dados mais desagregados que possibilitassem estabelecer detalhamento das questões suscitadas e hipóteses levantadas. É importante ressaltar também, a necessidade da continuidade de estudos como o aqui apresentado, de forma a disponibilizar a tempo e a hora, informações atualizadas sobre o comportamento dos indicadores demográficos, em especial, nesse caso, da componente fecundidade para o Estado de Minas Gerais.

## 6 BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- BRASS, William et al. *The Demography of Tropical Africa*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1968. 539 p.
- BEMFAM-DHS. *Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde*. Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil; Programa de Pesquisas de Demografia e Saúde (DHS). Rio de Janeiro, 1996.
- CAMPANÁRIO, Paulo, GODINHO, Rute. Fecundidade: tendências e modelo de projeção. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, Fundação SEADE, v. 10, n. 2, p. 26, abr.-jun. 1996.
- FJP e UNICEF. *Crianças e adolescentes em Minas Gerais: indicadores sociais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estatística e Informações, 1998.
- FONSECA, Maria do Carmo, PERPETUO, Ignez H. O. Anticoncepção na Região Metropolitana de Belo Horizonte: reflexões a partir dos dados da PNAD86. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 7, 1995, Diamantina. *Anais...* Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1995.
- GODINHO, Rute Eduviges, YAZAKI, Luica Mayumi. Comportamento da fecundidade segundo diferenciais socioeconômicos e a anticoncepção no Estado de São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 8 1992, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1992. v. 1, p. 137.
- GOZA, Franklin, MARTELETO, Letícia. Mudanças no Comportamento Reprodutivo e Fecundidade no Vale do Jequitinhonha. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10, 1996, Caxambu, 1996. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1996.
- IBGE. *Censo demográfico de Minas Gerais*, 1991.
- POTTER, Joseph E., CAETANO, André J. Clientelismo e Esterilização no Nordeste Brasileiro 1986-1995. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11, 1998, Caxambu. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1998.
- OLIVEIRA, Veneza B. de, WONG, Laura R. A Queda da Fecundidade nas Minas Gerais, 1980/95. In: SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 8, 1998, Diamantina. *Anais...* Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1998.

Branca